

# PANDEMIA E ANARQUIA

**copyright** Hedra  
**edição brasileira**© Hedra 2021

**edição** Jorge Sallum  
**coedição** Felipe Musetti  
**assistência editorial** Paulo Henrique Pompermaier  
**revisão** Eliane Carvalho, Marcia C. Lazzari e Salete M. Oliveira  
**revisão final** Sonia Montone  
**capa** Suzana Salama  
**ISBN** 978-65-89705-04-8

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.  
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)  
05416-011, São Paulo-SP, Brasil  
Telefone/Fax +55 11 3097 8304  
editora@hedra.com.br  
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.



**Pandemia e anarquia** reúne quinze ensaios de pesquisadores das práticas libertárias que analisam as implicações sociopolíticas do novo coronavírus e sua relação com os modos de existência. Além da Somaterapia e de pesquisadores do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), este livro traz escritos de historiadores e cientistas políticos residentes em diversos espaços do planeta. Perpassando diversas esferas das relações humanas, da economia e da ciência às relações amorosas e ao ser criança durante a pandemia, os escritos insurgem-se contra a suposta ruptura com o mundo dado antes da Covid-19 para analisar e estancar a racionalidade neoliberal, e a chamada crise sanitária. Com isso, traçam a afirmação de uma vida outra no presente.

**Edson Passetti** é professor livre-docente no Departamento e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e coordena o Nu-Sol na PUC-SP/ Brasil; e é membro da editoria de *verve*, revista autogestionária semestral. Contato: edson.passetti@uol.com.br.

**João da Mata** é psicólogo, doutor em Psicologia (UFF); doutor. em Sociologia Econômica e das Organizações (Universidade de Lisboa) e pós-doutor em História (UFF). Trabalha com a Soma – uma terapia anarquista há trinta anos, em grupos no Brasil e no exterior. Para saber mais sobre a Soma: [www.somaterapia.com.br](http://www.somaterapia.com.br). Contato: jodamata@hotmail.com.

**José Maria Carvalho Ferreira** é sociólogo e professor catedrático aposentado do ISEG – Universidade Técnica de Lisboa, atualmente, integrada na Universidade de Lisboa. Tem publicado vários livros e artigos em revistas e editoras nacionais e internacionais. Foi diretor do jornal *A Batalha*, diretor da revista *Utopia* e membro da Associação Cultural A Vida. Contato: [jmcf@iseg.ulisboa.pt](mailto:jmcf@iseg.ulisboa.pt).

## Sumário

Prefácio. . . . .	7
Apoio mútuo ou ajuda humanitária?, <i>por Acácio Augusto</i> . . . . .	9
O inimigo não é invisível, <i>por Adriana F. Martinez</i> . . . . .	25
Rompendo com a lógica capitalista de uma pandemia, <i>por Allan Antliff</i> . . .	39
O inimigo invisível, <i>por André Liohn</i> . . . . .	49
Coronavírus, <i>por Claire Auzias</i> . . . . .	61
Pandemia, saúde pública e liberdades, <i>por Edson Passetti</i> . . . . .	75
Sexo em tempos de COVID-19, <i>por Eliane Carvalho e Flávia Lucchesi</i> . . . . .	91
Amor selvagem, <i>por Gustavo Ramus</i> . . . . .	105
Catástrofe, história e destino, <i>por Ilana Viana do Amaral</i> . . . . .	117
Solidariedade, apoio mútuo e vida anarquista, <i>por João da Mata</i> . . . . .	133
Da anormalidade à normalidade doentia da espécie humana, <i>por José Maria Carvalho Ferreira</i> . . . . .	145
Um vírus a serviço da ordem, <i>por L.I.M.A.</i> . . . . .	161
Infância e pandemia, <i>por Marco Antônio Arantes</i> . . . . .	175
Instantâneo de uma pandemia, <i>por Ronald Creagh</i> . . . . .	185
Pensamento e práticas libertárias depois da COVID-19, <i>por Tomás Ibáñez</i> . . .	203
Sobre os autores . . . . .	213



## Prefácio

O novo coronavírus chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, anunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), governos nacionais, mídias, redes digitais e os passageiros desembarcados de voos internacionais. Veio acompanhando uma nova doença, a COVID-19, e as recomendações sanitárias para o combate à chamada pandemia.

Nós do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), da Soma, uma Terapia Anarquista, e o raro José Maria Carvalho Ferreira, vivemos muito próximos desde 1992, quando aconteceu o encontro libertário *Outros 500*, em São Paulo. Em uma conversa pela internet decidimos produzir uma página libertária conjunta com nossos pontos de vista. Nela registramos como “contestamos a realidade capitalista, o Estado e seus modos contínuos de governar em função de um reordenamento normalizador” e afirmamos “mais uma luta libertária no presente”<sup>1</sup>. Em seguida veio a possibilidade de organização de um livro com libertários interessados e suas análises inéditas, redigidas até o início de outubro de 2020.

O livro *Pandemia e Anarquia* está composto de 15 capítulos encadeados em ordem alfabética, sugerindo ao leitor tanto a leitura segundo seu interesse, como a sequencial com as surpreendentes implicações trazidas pelo acaso, mostrando e realçando adjacências, conexões, complementações e diferenças. É o que buscamos com a anarquia, uma produção interminável de práticas de liberdade contra o absoluto e o definitivamente verdadeiro que jazem nos discursos realistas ou utópicos.

Muitos artigos a nós endereçados não constam desta coletânea, mas estarão em outras publicações, ou até mesmo em possível livro sobre 2021 e esta situação extraordinária tornada ordinária de suposta reescritura da normalidade. Para nós, a normalização dos normais já ocorria nesta so-

---

1. Ver URGENTES em <http://www.somaterapia.com.br/atividades/urgentes/> e <https://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2020/07/dossie-urgentes.pdf>

cidade-Estado capitalista, computo-informacional e cheia de TICS, que se pretende restauradora do planeta com suas receitas de *melhorias sustentáveis*, invocando condutas resilientes.

Nossa perspectiva é a dos resistentes na invenção cotidiana de uma realidade sem a organização hierarquizada da autoridade em um planeta intenso de práticas de liberdade anarquistas, ultrapassando os ativismos, essa insistente e obsessiva maneira de mirar a renovação e a inovação, democrática ou não, produzidas pela racionalidade neoliberal.



Apoio mútuo ou ajuda humanitária?  
*Notas sobre o militantismo anarquista  
em meio à crise planetária*

ACÁCIO AUGUSTO

A vida é perigosa e exige que encaremos a sociedade que está morrendo. Escancaremos as potências da vida destemida e avessa a castigos, fronteiras, comunidades, normalizações, produtividades, política, polícias... A destruição de algo é sempre a construção de uma invenção. É inventar um espaço outro, uma vida outra. Viver a vida é não servir a nada nem a ninguém.

NU-SOL, 2020

O surgimento do que foi classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia, em março de 2020, foi imediatamente recebido e difundido pelas autoridades estatais e organizações internacionais como uma guerra. A começar por manifestações do Secretário Geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, que declarou guerra ao vírus. A disseminação planetária das infecções provocadas pelo novo coronavírus mobilizou, de forma inédita, um aparato de controle social e contenção de danos pessoais que reunia desde profissionais de saúde, passando por uma série de recomendações de novas condutas por especialistas midiáticos, até a atuação ostensiva das forças de segurança, das forças armadas, das polícias ou do regime dos ilegalismos.<sup>1</sup> Soma-se a essa mobilização uma produção discursiva e comunicacional que, além de buscar encaixar, definitivamente, toda vida social nos fluxos computo-informacionais, se precipitou em anúncios variados de uma “nova era” que se abriria após a pandemia. Anúncios por vezes pessimistas e catastróficos, a partir de problemas

---

1. Sobre a recepção da chamada pandemia como uma guerra, ver: AUGUSTO, 2020.

que já estavam postos para os viventes no planeta e que seriam ampliados pelas medidas de contenção da COVID-19. E anúncios, em direção oposta, que projetaram a possibilidade de um futuro idílico ou utópico, esperançoso nas mudanças de percepção das pessoas a partir do alerta trazido pelo novo coronavírus em relação às questões ambientais, à vida social e econômica nas grandes cidades e à vida no planeta Terra de forma geral. Essas duas projeções se apoiam na ideia de que a situação imposta pela disseminação das contaminações e infecções, segundo variados especialistas, tende a se repetir e/ou se estenderá por mais tempo do que o esperado pelas pessoas e até mesmo por autoridades médicas e governamentais.

Entre os anarquistas,<sup>2</sup> desde o primeiro momento, produziram-se análises e intervenções diversas, que tinham um ponto mais ou menos em comum: a situação desencadeada pela declaração da pandemia e as formas de lidar com ela foram produzidas pelas vidas criadas pelo capitalismo e o Estado.<sup>3</sup> Da mesma maneira, a condução das soluções e a própria gestão da crise-guerra se orientam pela manutenção dessa forma de vida e a sobrevivência desse mesmo capitalismo e da forma Estado como governo dos viventes e distribuidor de mortes. Mais de um ano após a instalação planetária da doença, não é exagero dizer que nada parou e que pouca coisa mudou, ou seja, até o momento estamos sob a gestão dessa sobrevivência e variados “palpites” sobre o que se colocava caíram por terra. Diante da normalidade assassina do capitalismo planetário que se ocupa da “segurança do vivo no planeta”, uma normalização do normal<sup>4</sup> em pouco tempo se instalou recebendo o título de “nova normalização”, um mais do mesmo, mas com esperanças de melhora após se alcançar o controle das infecções por meio da vacina ou de algum meio de imunização do rebanho de humanos.

Em março de 2020, quando as mortes e infecções atingiam altos números no continente europeu e começavam a rumar para o hemisfério sul, os militantes anarquistas da Federação Anarquista de Turim alertavam, de forma direta, que a chamada epidemia (se referiam ao território italiano) era, de fato, um massacre de Estado. Como anarquistas, afirmaram a recusa em aderir à morte gerida pelos que governam. “Não. Não

---

2. Para análises singulares a partir do território brasileiro e de uma perspectiva anarquista, ver: NU-SOL, 2020.

3. Para análises anarquistas de diversas partes do planeta sobre a chamada pandemia e lutas relacionadas a ela, ver: FACÇÃO FICTÍCIA, 2020.

4. Cf. PASSETTI et al., 2019.

estamos ‘prontos para morrer’. Não queremos morrer e não queremos que ninguém adoça e morra. Não estamos nos alistando na infantaria destinada ao massacre silencioso. Somos desertores, rebeldes, *partisanos*” (FEDERAÇÃO, 03/2020). A recusa das formas de gestão pela crise-guerra e da distribuição racional das mortes, entre escolhas de quem deveria viver e quem poderia morrer, era uma afirmação da luta social e da vida fora da normalidade capitalista. O texto da Federação de Turim ainda alertava para o temor dos governantes em se disseminar um ciclo de lutas e revoltas, como as desencadeadas pelas rebeliões nas prisões italianas.

Em abril, no território espanhol, o anarquista Tomás Ibáñez escreve sobre uma outra recusa. “Esta crise também nos chama a dizer NÃO à autoilusão praticada por um amplo setor desse espectro revolucionário e anti-autoritário no qual me encontro. Este autoengano consiste em acreditar, e nos fazer acreditar, que o capitalismo pode ser atingido até a morte pela crise e que a pandemia dará origem a um intenso ciclo de lutas capazes de transformar o planeta e que, ao final, as classes populares perceberão nitidamente a necessidade de virar as costas ao sistema. E esta é a nossa vez de contribuir para dar o golpe final em um capitalismo moribundo” (IBÁÑEZ, 2020). Essa outra recusa se refere ao fatalismo da crise como janela de conveniência para afirmar, ao contrário, a multiplicidade das lutas no presente, segundo as contingências que sempre se colocam, com ou sem pandemia. Contra uma teleologia revolucionária que quer ver nos momentos de crise uma oportunidade para agir e levar as classes populares ao paraíso, Ibáñez lembra que, para um anarquista, o que existe são as lutas, sempre múltiplas e sem pretensão de unidade, a serem travadas aqui e agora.

Esse breve escrito parte dessas duas recusas para analisar como algumas associações anarquistas lidaram com a intensificação da crise-guerra planetária devido à emergência da COVID-19. Nos textos de análise e relatos de intervenções, instala-se uma tensão entre releituras das práticas de apoio mútuo, a partir de Kropotkin, como forma política de resistência e uma aposta em como a situação confirma críticas já colocadas pelos anarquistas, combinada com recomendações de autocuidado. Na chave de reafirmação do apoio mútuo, algumas análises acabam esbarrando em práticas de gestão da crise, aos moldes das ajudas humanitárias, em contraste com afirmações da vida que não querem se entregar à gestão planetária dos viventes e à corrida pela sobrevivência.

Em meio às disputas políticas e investidas sanitário-securitárias dos governos, as infecções e as mortes se acumulam na escala dos milhões. Re-

cusar a leitura normalizante e estatal não significa adotar uma conduta negacionista em relação à COVID-19. Mas essa recusa também evita abraçar a defesa da (sobre)vida como dado biológico e se diluir no consenso democrático de gestão da crise-guerra capitalista e estatal. Diante de um consenso emergente de defesa da vida a qualquer custo, cabe questionar qual vida se quer viver, e lembrar que a vida não se resume a um fato biológico quantificável e mensurável.

Diante de tanta política, tanta ciência e tanta comunicação, essa análise se referencia na crítica de Mikhail Bakunin ao governo da ciência que objetiva tosquiá os rebanhos populares em todo o planeta, busca-se, aqui, “a revolta da vida contra a ciência, ou melhor, contra o governo da ciência” (BAKUNIN, 2000, p. 15). Em tempos de uma emergência, declarada como crise-guerra sanitária-securitária, acreditar na disputa complementar entre negacionismo e defesa da ciência médica é entregar o próprio couro para ser tosquiado pelos governos planetários, institucionalizados ou não. A partir dessa mirada, interessa a uma atitude anarquista não só reafirmar as duas recusas expostas acima, mas também se colocar no mundo *contra* mundo.

#### APOIO MÚTUO: ONDE ESTÁ A REVOLTA?

Em todo o planeta, as condutas diante da chamada pandemia foram discursivamente organizadas entre “negacionistas”, que não acreditavam nem seguiam as regras da OMS e das diversas juntas médicas nacionais, negando-se a adotar cuidados mínimos ou diminuindo a gravidade da doença; e “salvacionistas”, que, em nome da não contaminação e como única forma de conter infecções, abraçaram com fé as inúmeras recomendações de especialistas e de autoridades, como a OMS, chegando a defender decretos de estado de sítio (chamado de *lockdown*) garantido por forças de segurança, militares e policiais, para efetivação autoritária do isolamento social. Essa oposição, assim exposta, pode soar exagero, mas foi a partir de uma imagem próxima a essa que se traduziram politicamente as condutas entre “negacionistas”, à direita ou extrema direita, e “salvacionistas”, progressistas ou à esquerda. Embora essas condutas sejam mais complementares do que se pode supor num primeiro momento, foi no Brasil que essa disputa ganhou contornos mais evidentes, confundindo-se com a situação político-institucional do país.

Ao largo ou à margem dessa imagem de disputa midiaticizada e institucionalizada pelo melhor governo da crise-guerra, animada por ativistas de

cada parte, surgiram discursos e interpretações sobre ações locais de enfrentamento das contaminações e infecções. Essas ações, ora estavam associadas à histórica proposição anarquista de apoio mútuo e às práticas de autocuidado desvinculadas de recomendações e ações de governos e autoridades médicas, ora eram relatadas como organização de comunidades negligenciadas pelos governos de Estado “negacionistas” que se uniam para travar a própria luta contra a COVID-19. Mantendo a metáfora da guerra contra o vírus, essas ações comunitárias são lidas como uma guerrilha dos moradores de bairros pobres e prova da capacidade de resiliência dessas pessoas, capacidade acumulada em toda uma vida de privações e adversidades.<sup>5</sup>

As práticas de apoio mútuo entre anarquistas, para além da extensa elaboração de Piotr Kropotkin em livro que leva o mesmo nome (1989), podem ser compreendidas em dois sentidos: a) como um impulso “natural” e/ou “instintivo” de colaboração entre os viventes que garante a sobrevivência do conjunto;<sup>6</sup> b) como ação deliberada para interferir e interromper as cadeias hierárquicas de competição, características das relações de produção no capitalismo.<sup>7</sup> Essas práticas também são invocadas em momentos de lutas entre os “mais fracos” que se associam para resistir aos ataques de um oponente mais poderoso, como eram os fundos de greve no século XIX e começo do século XX, por exemplo. Nesse sentido, é evidente que seu uso corrente, seja para nomear uma prática, seja para declarar afinidade com uma determinada forma de prática anarquista, ultrapassou a referência às elaborações de Kropotkin, mas sem apagá-las ou refutá-las.

No interior da história política das lutas libertárias, o apoio mútuo, reivindicado sob esse nome inicialmente pelos anarco-comunistas, pode ser compreendido numa sequência de diferenciação do que foi o coletivismo bakuninista, mais focado nas relações de produção modernas. Há, também,

---

5. Essa interpretação foi amplamente veiculada na imprensa brasileira e chegou a ganhar destaque na imprensa internacional, como no *Washington Post*. Cf. LOPES, 10/06/2020.

6. Nesse sentido, fiel às elaborações do anarquista russo, “o instinto de sociabilidade que se desenvolveu lentamente entre os animais e entre os homens no transcurso de um período de evolução extremamente longo, desde os estágios mais elementares, ensinou, igualmente, muitos animais e homens a ter consciência dessa força que adquirem praticando a ajuda e o apoio mútuos, também por ter consciência do prazer que podem encontrar na vida social” (KROPOTKIN, 1989, p. 32). (Minha tradução do espanhol).

7. Esse sentido aparece nas interpretações contemporâneas que agregam esse fator de iniciativa deliberada ao determinismo natural argumentado por Kropotkin. Ver, nesse sentido, GRUBACIC & GRAEBER, 2020.

uma associação mais comum do apoio mútuo à fórmula da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT, 1864): “para cada um de acordo com suas necessidades, de cada um de acordo com suas possibilidades”. Nesse sentido, reitera-se a filiação ao anarco-comunismo e, para além desse sentido, há interpretações que associam as proposições de apoio mútuo com a autogestão, uma aproximação mais controversa. Especialmente quando se restringe o apoio mútuo não a uma prática exclusiva do campo das relações de produção, mas de realização de qualquer atividade entre pessoas associadas, como a supracitada interpretação recente de Grubacic e Graeber. A partir de Kropotkin também se argumenta, nesta interpretação, que o apoio mútuo é uma orientação ética baseada na liberdade e no anti-autoritarismo. Contudo, deve-se notar que a argumentação a partir da determinação biológica que o conceito pressupõe e mobiliza afasta-o de uma ética libertária, para além da formulação anarco-comunista. Todas essas possibilidades tratam de práticas voltadas à transformação do mundo e das pessoas envolvidas, mas, ao manterem uma perspectiva teleológica de projeção de um futuro pós-revolução, elas nem sempre implicam transformação de si em associação ou afirmam uma prática libertária no presente. Diferente da determinação pela história da biologia, uma ética libertária implica relações livres com generosidade e reciprocidade, ignorando, também, os cálculos de proporcionalidade e equivalência.<sup>8</sup>

No entanto, ainda que haja diferentes usos e interpretações sobre o apoio mútuo entre os anarquistas e, ao final, esta seja uma noção própria dos anarco-comunistas, nota-se que há uma confusão no que é nomeado como apoio mútuo hoje, seja em práticas diretamente vinculadas às associações anarquistas, seja em ações nomeadas a partir da referência à elaboração de Piotr Kropotkin. Um exemplo seria o breve texto da jornalista Zoe Smith (02/06/2020) sobre ações comunitárias durante a chamada pandemia, tomando alguns exemplos retirados da Argentina. Ela parte precisamente de Kropotkin, para aproximar suas descrições a uma “forma anarquista de se organizar”. Contudo, muitas das ações tomadas como exemplo se confundem com ajuda humanitária, como ações de negócios sociais ao estilo dos Médicos Sem Fronteiras, ou simplesmente soluções emergenciais encontradas por pessoas passando por dificuldades materiais.

---

8. Para uma análise mais ampla da ética libertária, que se aparta de formulações baseadas no determinismo biológico do apoio mútuo, ver: PASSETTI, 2003.

Para se diferenciar desse tipo de atuação de ONGs, usa-se a justificativa da “ajuda mútua” pelo fato de serem ações efetivadas por membros de uma mesma comunidade, mas não se questiona sobre a capacidade de transformação de tais iniciativas, que muitas vezes apenas reiteram a condição de servidão e pauperismo dos habitantes dessas comunidades. Não se trata de juízo de valor sobre as ações, necessárias do ponto de vista da sobrevivência, mas cabe se perguntar sobre seus efeitos de manutenção da ordem e perpetuação dessa (sobre)vida, mesmo sob condições excepcionais.

As ações nas comunidades argentinas usadas por Smith como exemplos de apoio mútuo e organização anarquista poderiam ser comparadas com ações em favelas no Brasil. Uma reportagem publicada no *El País Brasil* sobre as ações na favela de Paraisópolis, em São Paulo, em meio à chamada pandemia, embora não se refira ao apoio mútuo, celebra a “auto-organização” dos moradores diante do “abandono” das autoridades governamentais (GORTÁZAR, 04/10/2020). Seguindo o léxico de guerra ao vírus e repondo a dicotomia entre negacionismo negligente do governo diante de uma realidade inescapável, a solução, segundo a reportagem, vem por meio da atuação de “ativistas de bairro e pequenos empresários locais”. Assim, contam as histórias de pessoas como a “presidente de rua”, Isabel, e do presidente da “União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis”, Gilson Rodrigues. Eles se empenham em distribuir cestas básicas, álcool em gel, cuidados médicos e disseminação de informações sobre os riscos da nova doença, já que “a primeira batalha que os ativistas da favela tiveram de travar foi contra a falsa crença de que os pobres estavam a salvo do coronavírus” (Idem). Assim, as ações apenas se revelam como contingências em favor da ordem e da (sobre)vida como gestão da crise-guerra e projeção de lideranças locais por meio dos chamados negócios sociais, sem efeito de transformação na vida das pessoas, que são projetadas por meio do reconhecimento de suas vulnerabilidades como alvo das ações assistenciais de outros moradores do mesmo bairro, muito mais uma gestão compartilhada que um apoio mútuo.

Mesmo com algumas diferenças em relação às ações descritas por Smith, como a associação com as premissas de apoio mútuo, são ações bem semelhantes, como nesse comentário que ela faz: “é apenas um exemplo entre milhares de atos de compaixão, solidariedade e cooperação voluntárias que vêm ganhando as manchetes em todo o mundo. Esta onda de atividades — caem sob a bandeira da ‘ajuda mútua’ [*mutual aid*] porque vem de dentro das próprias comunidades e é voltada a longo prazo, como Barrios de Pie colocou, à justiça social e à transformação social — em mui-

tos casos, ultrapassou tentativas de voluntariado lideradas pelo Estado” (SMITH, 02/06/2020). De um lado, seria possível argumentar que há imprecisão de Smith ao associar esse tipo de ação comunitária às práticas anarquistas de apoio mútuo; de outro lado, o simples fato de essa associação existir revela um problema nas tentativas de autores e associações anarquistas contemporâneas em atualizar o conceito proposto em 1902, por Kropotkin. Afinal, sob a contemporânea racionalidade neoliberal,<sup>9</sup> cooperação voluntária, solidariedade social e compaixão cívica são formas características do empreendedorismo de si em seu formato de negócios sociais. Assim, quando relacionadas ao apoio mútuo, independentemente das intencionalidades, as ações propriamente anarquistas ora se confundem com esses negócios sociais, ora são tragadas por disputas políticas de território com organizações, governamentais e não governamentais, financiadas por agentes de mercado ou subsidiadas por políticas sociais individualizadas. Nessas disputas, os anarquistas podem ser tragados pela oposição complementar, politicamente orientada, entre “negacionistas” e “salvacionistas”.

Um exemplo um pouco diferente de ações anarquistas é a plataforma brasileira anônima nomeada precisamente de “Apoio Mútuo”. Segundo o site, “apoio mútuo é uma iniciativa que tem o objetivo de compartilhar ferramentas e ampliar as redes de solidariedade entre as pessoas que são divididas e classificadas por longas cadeias de opressão e violência. Por isso, queremos incentivar e fornecer mecanismos de apoio a ações que conectam demandas ao fortalecimento de pessoas, grupos, coletivos e organizações que têm em comum princípios de inspirações anárquicas e anarquistas”<sup>10</sup>. No site são encontradas ações muito diferentes entre si, muitas delas com formato meramente assistencial, como distribuição de comida e insumos de proteção pessoal. Ainda que menos ambígua, no que diz respeito à vinculação das ações aos anarquismos que o texto de Smith, a mobilização do conceito de apoio mútuo também se mostra problemática. Em primeiro lugar, cabe questionar sobre qual seria a diferença de uma plataforma de trocas de experiências declaradamente anarquista como esta e uma rede de ajuda humanitária ou de solidariedade, como as que atuam nas favelas relatadas na reportagem do *El País Brasil*. Seria a plataforma digital um *think tank* solidário que funciona à margem dos grandes negócios sociais?

---

9. Cf. FOUCAULT, 2008.

10. Cf. <https://apoiomutuo.com.br/sobre/>. Acesso em: 18/10/2020.



Se for isso, não há como escapar de ser tragado ou mesmo neutralizado pelos negócios sociais que possuem mais capacidade de alcance (leia-se: mais dinheiro e logística de atuação) entre os denominados “vulneráveis”, o público-alvo das assistências. Ao se analisar um pouco mais demoradamente quais os possíveis efeitos de transformação dessas práticas, as ações compiladas na plataforma “Apoio Mútuo” mostram-se frágeis diante do extenso investimento em negócios sociais do empreendedorismo neoliberal hoje.

Nota-se, portanto, haver uma disputa a partir da noção e do emprego da expressão “apoio mútuo”. De um lado, busca-se ler as ações emergenciais de solidariedade entre os mais fracos, mais pobres e vistos como vulneráveis, como prova de que o governo e as instituições estatais não são necessários e não atendem, propositalmente, às necessidades e aos interesses das pessoas. Seria no mínimo precipitado ver isso como algo próximo dos anarquismos, mesmo que vagamente. De outro lado, busca-se promover ações de solidariedade que funcionem como uma espécie de “propaganda pela ação”<sup>11</sup>, mostrando, às pessoas que estão mais expostas às assimetrias de poder e às desigualdades sociais e econômicas, que apenas as ações construídas por elas mesmas, entre elas e sem interferência de governos e empresas, vão efetivamente produzir um resultado satisfatório, especialmente em meio às crises-guerras, como a que se impôs com a declaração da pandemia. Esse entendimento, de forma um pouco diversa, também é encontrado em outros campos não vinculados aos anarquismos, em geral traduzido na expressão “nóis por nóis”, muito usada por coletivos de periferia ou ações de ONGs e Fundações voltadas para esses territórios. Bom, se, como exposto, essas ações estão atravessadas por engajamentos ativistas afeitos à racionalidade neoliberal, evidencia-se um problema para uma plataforma que visa a compilar ações anarquistas de apoio mútuo. O que se nota, nos relatos veiculados pela “Apoio Mútuo”, é a tentativa de disputar politicamente os sentidos dessas ações, traduzindo-as como formas ou mesmo “provas” da efetividade do apoio mútuo como prática identificada com o anarquismo. Nessa disputa política, como já foi anotado, a tendência é a neutralização.

A entrada nessa disputa parece ignorar o caráter cooperativista do capitalismo e os elementos de fobia ao Estado do neoliberalismo que habitam as formas de empreendedorismo e se traduzem como eficiência e

---

11. Essa é a argumentação que perpassa algumas ações relatadas na plataforma “Apoio Mútuo”.

eficácia de ações autônomas contidas nos negócios sociais. Nesse caso, os efeitos de transformação radical de si, dos outros e do território em que se está agindo ficam bloqueados ou mesmo são diversamente modulados, ao passo que as ações dos coletivos ou associações que se declaram anarquistas ficam disponíveis às capturas.

Em um tempo no qual a racionalidade neoliberal produz liberdades cercadas pelas modulações de segurança para estimular uma ética de competitividade por meio da democratização da forma-empresa, que passou a ser métrica de toda e qualquer organização social, o apoio mútuo até poderia ser visto como uma potente prática dos que resistem, fosse dentro ou fora do contexto da chamada pandemia. No entanto, quando essa prática se avizinha às ações assistenciais, cooperativistas e de empreendedorismo social, elas acabam por produzir efeitos apenas de ajuda emergencial como em ações humanitárias ou colaboram, ainda que involuntariamente, com a expansão dos negócios sociais. E não se trata de mensurar o quanto esta ou aquela ação é ou não anarquista, pois esses efeitos se produzem independentemente das “intenções” e/ou vontades dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, se as ações compiladas pela plataforma “Apoio Mútuo” se dizem orientadas para a transformação das pessoas envolvidas, essas são questões que não devem ser colocadas somente pelos anarquistas relacionados com essas formas de ação e intervenção.

Por fim, é importante registrar, nessas idas e vindas das práticas de apoio mútuo em meio à chamada pandemia, que as inscrever no campo das disputas políticas é o avesso da potência antipolítica da revolta. Essa ação direta própria dos anarquistas que, como posto por Bakunin, não se dobra nem diante da autoridade da ciência para afirmar a vida livre, não implica negar a ciência em bloco. Inscrever práticas anarquistas nessa disputa acaba funcionando a favor das táticas de assimilação e neutralização contemporâneas que veem na anarquia apenas a expressão mais radical do amplo campo político de disputa pelo governo chamado de esquerda ou força progressista. Nesse sentido, lembrar da história de atuação dos anarquistas nos sindicatos pode nos informar sobre como a inscrição nessa disputa é deletéria aos anarquismos e como, nessas ocasiões, fomos massacrados por forças que, em momentos de recrudescimento autoritário, foram vistas como aliadas pontuais. Por analogia, essas ações comunitárias podem apenas ser a forma contemporânea da atuação sindical, transpondo o espaço da fábrica para a cidade, conforme as propos-

tas de municipalismo libertário de Murray Bookchin<sup>12</sup>, que pode ser visto como continuador da obra de Piotr Kropotkin, pois as proposições tanto de ecologia social, quanto de democracia direta local, do municipalismo libertário, foram inspiradas na idealização que Kropotkin fez das guildas medievais como referenciais de comunidades sem controle estatal.

Não se trata de emitir juízo a respeito de práticas de resistências, mas de alertar que, ao se perderem em disputas políticas, elas se confundem com os negócios sociais e se veem disponíveis às capturas neoliberais nas tentativas de restaurar um sentido contemporâneo para o apoio mútuo de Kropotkin. Diante dessa situação, resta uma questão: onde está a revolta?

---

12. A respeito de Bookchin e sua inspiração em Kropotkin para as proposições do municipalismo libertário e a ecologia social, ver: AUGUSTO, 2012.

13. Ver: PASSETTI & AUGUSTO, 2008.



## O inimigo não é invisível

ADRIANA F. MARTINEZ

Vírus, do latim: veneno. Sistema biológico muito simples e pequeno formado por uma cápsula proteica que serve de invólucro ao material genético. Parasitas microscópicos sem célula cuja reprodução só é possível quando invadem o interior das células de seres vivos, como o novo coronavírus (coV) ou SARS-Cov-2, desencadeador da doença COVID-19. Esse vírus, como qualquer um, forma parte da natureza, e a natureza não obedece a leis, finalidades, controles nem fronteiras. O vírus não é o inimigo assim como não é amigo. Por isso, os discursos fundados na guerra para combater o “inimigo invisível” não passam de antropomorfismos convenientes para produzir novas técnicas de governo que atendem à racionalidade neoliberal, por conseguinte, a uma economia de livre mercado que regula e organiza o governo do Estado em toda a sua espessura. E numa economia regrada pela concorrência e num modo de vida empresa como poder enformador da sociedade, a política social versa em cada um assumir a responsabilidade pelos riscos que venham a (o)correr durante a sua existência. Não à toa prioriza-se tanto a formação do capital humano como sujeito econômico ativo, provedor de seus rendimentos. Um projeto que é, em si, o próprio crescimento econômico requerido pelo capitalismo (FOUCAULT, 2008).

A atual pandemia é efeito do capitalismo. Um capitalismo em nível planetário no qual se destaca a capacidade de mobilidade do capital humano em termos de empreendimento individual para obter melhores posições sociais, aprimorar o conhecimento e aumentar as chances profissionais. Motivo pelo qual a diferença dessa pandemia com outras de contextos históricos anteriores, a exemplo do coronavírus H1N1, chamado de “gripe espanhola” (1918), é que o vírus não infectou primeiro os pobres, famélicos, moradores de lugares insalubres considerados *vulneráveis*, mas a contaminação e propagação inicial da COVID-19 ocorreu pelo deslocamento das camadas sociais mais abastadas. A doença foi importada pela *elite* social.

Como medida de *segurança*, ativada sob a justificativa de conter a transmissão do vírus, as fronteiras territoriais foram fechadas e foram instaurados limites entre os corpos, ampliando as técnicas de monitoramento. E as práticas constantes de monitoramento virtual, ou não, colaboram com o exercício de governo sobre todos os processos da vida, proporcionando a possibilidade de “acompanhar uma atividade, conduta ou ambiente sem a necessidade de interferir em sua pretensa continuidade infinita” (PASSETTI et al., 2019, p. 259). Não se sabe ainda o que irá ocorrer após o novo coronavírus. Porém, com o alastramento do contágio, admitiam-se apenas as viagens rotuladas *essenciais* ou o ingresso de concidadãos fora dos seus territórios nacionais, sem bloquear o fluxo de dados, produtos e transações financeiras. Ao blindar as fronteiras estatais com base no argumento de proteger seus cidadãos de possíveis infecções, escolhe-se a dedo quem pode ingressar e quando, com o propósito de salvaguardar a saúde do capital humano local. Tais critérios reforçam o nacionalismo virulento restaurado exponencialmente na última década.

Duas regras sanitárias foram de imediato instituídas: o “isolamento social” e o “distanciamento social”. A primeira implantou-se sob o preceito de evitar a proliferação da COVID-19 e a segunda com a finalidade de restringir o contato entre as pessoas visando a amortecer a velocidade de transmissão. Configurações estas replicadas em quase todos os países do planeta, e antes que se interprete a questão como parâmetro a favor ou contra, já é bom responder que não se trata disso, tampouco se trata de estar deste ou daquele lado. Trata-se, sim, de questionar as medidas de segurança produzidas particularmente desde a última década do século passado, em que a noção de segurança nacional se espalhou para segurança universal em nome da *segurança humana* com o objetivo de barrar os deslocamentos de pessoas avaliadas como virtuais ameaças. Estratégia esta assimilada pelas condutas individuais que *compartilham* junto ao Estado o governo das condutas, no intuito de resguardar seus ambientes. Estratégia utilizada para manter os chamados *vulneráveis* fixos em suas regiões mediante programas de melhorias. Estratégia usada para criminalizar, punir e identificar as possíveis *ameaças*.

As diretrizes de isolamento e distanciamento tomadas por conta da atual pandemia expõem como a *segurança humana* diz respeito a ações governamentais bem precisas, encarregadas de monitorar fluxos, gerir processos, forjar condutas submissas, capturar revoltas em benefício da economia fundada na racionalidade neoliberal. Ademais, as disposições estipuladas devido à COVID-19 expressam como toda e qualquer *crise* (polí-

tica, econômica, sanitária, etc.) constitui a forma corrente de governar na racionalidade neoliberal. A função consiste em, por meio de protocolos de prevenção e precaução, proporcionar opções às políticas vigentes com o objetivo de tornar o que agora é provisório em algo definitivo.

### CÁLCULO DO CUSTO-BENEFÍCIO NA SAÚDE

O vírus, após ter visitado as coberturas dos estratos sociais superiores, desceu para os andares inferiores da sociedade que ficaram mais expostos ao contágio, ao adoecimento e à morte. Nos EUA, são os pretos e latino-americanos pobres os primeiros a morrerem em casa, na rua, na porta do hospital ou apinhados em prisões, algumas construídas especialmente para imigrantes *ilegais*, outras reservadas para o encarceramento em massa, preferencialmente, da população preta. Também morrem os refugiados abarrotados em campos, assentamentos, abrigos ou barcos aqui e acolá. Enquanto isso, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)<sup>1</sup> monitora continuamente as fronteiras e os aeroportos para, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), conter potenciais *riscos* adicionais envolvendo a chegada de mais solicitantes de refúgio. As ações *humanitárias* promovidas pela agência abrangem informar, aos refugiados, sobre a doença e distribuir máscaras, luvas, sabão em lugares onde são disputados o uso da água e o espaço.

Morrem os indígenas na América do Sul. No Brasil, o vírus chega a eles pelos perdigotos de garimpeiros, fazendeiros, grileiros, “sojeiros”, pecuaristas, madeireiros, militares e missionários, muitos deles dedicados a expandir o agronegócio. A propósito, como todo momento de *crise*, esta é uma *oportunidade* para dilatar lucros, uma estratégia que cumpre, no mínimo, com um dos três pilares do desenvolvimento sustentável ao transformar-se em *economicamente viável*. Nos 54 países do continente africano, as autoridades locais e a Organização Mundial da Saúde (OMS) dizem estar surpresas pelo baixo impacto do novo coronavírus. Falam, inclusive, que são países acostumados com epidemias e, por isso, souberam tomar medidas adequadas, mas não levam em consideração o quase nulo índice de testes aplicados na maior parte dos países do continente. Morrem os pobres sem assistência médica nos confins de regiões e cidades. Morrem

---

1. Cf. <https://nacoesunidas.org/coronavirus-e-refugiados-o-que-o-acnur-esta-fazendo-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 19/09/2020.

pelo vírus. Morrem pela fome. Atalho próspero para aproximar-se dos dois primeiros objetivos da Agenda 2030: acabar com a pobreza e com a fome no planeta.

Outra morte promissora nessa pandemia é a dos velhos. Velhos pobres principalmente, porque os outros abastecem um largo mercado e não só no âmbito da saúde. Quanto maior o número de velhos mortos menos aposentadorias precisam ser pagas e mais rápido ficam vagos os leitos para serem ocupados por corpos economicamente produtivos. Por vezes, o processo consistiu em sequer permitir que ocupassem lugares nos hospitais, foram abandonados em asilos ou em suas casas. Em muitas circunstâncias são mortes não registradas, ocultas embaixo do tapete (de terra?) para difundir a baixa taxa de letalidade, como na Alemanha que, apesar de ter uma população com 25% acima dos 60 anos, nas estatísticas médicas são somente 20% do total de infectados. Os números seriam 11% a mais na Grã-Bretanha, se tivessem incluído os asilos nas estatísticas, ou na Suécia, onde a morte de velhos constitui 50% do total, sem contar a não realização de testes nessas pessoas em vários países.

Dito de outra forma, todos aqueles que carecem de condições econômicas, não apresentam *eficiência* para assegurar a sua sobrevivência, nem conseguiram investir na sua saúde, morrem nas filas de hospitais, em casa, nas ruas... Nenhuma novidade dentro da racionalidade neoliberal, posto que o projeto social incorre em o sujeito obter rendimentos suficientes para “se garantir por si mesmo contra os riscos que existem, ou também contra os riscos da existência, ou também contra essa fatalidade da existência que são a velhice e a morte” (FOUCAULT, 2008, p. 197). O mercado da saúde funciona igual a qualquer outro mercado, corroborando o jogo de desigualdades próprio da concorrência. Quem não adquiriu renda suficiente para arcar com o custo de sua saúde perece ou espera para ter a chance de ocupar um leito e usufruir dos equipamentos hospitalares públicos sem custo adicional, desde que o Estado os ofereça. A saúde redundou num amplo mercado e na exoneração da responsabilidade estatal. Nos EUA, por exemplo, 30 milhões de pessoas encontram-se sem cobertura médica alguma; na China, o auxílio público não estabelece que o atendimento seja gratuito; na Alemanha, as modalidades pública e privada são pagas, isto só para mencionar alguns dentre tantos países com esses modelos de saúde. A atual pandemia trouxe à tona como o direito universal à saúde, baseado no plano Beveridge (1948) que indicava ser de incumbência do Estado a saúde da população para ter certa paridade nos tratamentos de cura e prevenção de



doenças, passou a ser, no cerne da racionalidade neoliberal, um cálculo previsto no orçamento individual, ao invés de estimativas de receitas estatais.

Resultou mais proveitoso, ao Estado, repassar benefícios ou proporcionar incentivos fiscais à rede privada de *prestação de serviços* de saúde e ao setor empresarial, que oferece assistência médica aos seus *colaboradores*, do que comprometer a sua arrecadação nesse quesito. “Vemos, assim, que a esperada igualdade de consumo médico mediante a seguridade social é pervertida em favor de um sistema, tendente cada vez mais a reestabelecer as grandes desigualdades da doença e da morte que caracterizavam a sociedade do século XIX. Hoje, o direito a uma saúde igual para todos é capturado em uma grande engrenagem que o transforma em uma desigualdade” (FOUCAULT, 2016, p. 391). Isso não exprime almejar a volta do Estado de Bem-Estar em que a interferência do Estado se expressava em manter saudáveis a força de trabalho e a força física nacional, apenas como capacidades militar e de produção. Trata-se de assinalar aqui como a saúde recai na responsabilidade individual, uma vez que alcançou valor econômico e foi inserida no mercado. Nesse sentido, tendo em vista que o sistema de saúde dos países é reservado para poucos e em face da mortalidade provocada pelo vírus, o discurso difundido pelos quatro cantos do planeta é a higiene, o uso de máscara, o isolamento e distanciamento como alternativas para contar, pelo menos, com assistência médica caso o indivíduo adoença. Não obstante, grupos clamam pelas suas liberdades civis e pela liberdade econômica, requerem suas *liberdades* liberais garantidas pelas constituições nacionais, até mesmo exigem o *direito* de contagiar-se. Manifestações estas amparadas pela democracia numa política pluripartidária.

Basta ver como os princípios democráticos foram proferidos, solicitados e advogados pelo supremacista branco presidente dos EUA, Donald Trump, e por seu bajulador, o capitão reformado do exército presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Os dois declaradamente racistas, xenofóbicos, nacionalistas, homofóbicos, machistas, autoritários. Eles, sustentando que a COVID-19 é mais uma *gripezinha*, uma versão alarmista da OMS e da mídia ou uma conspiração chinesa, divulgam que a economia não pode parar. Desde a moral do protestantismo, ambos julgam que quem fica em casa não quer trabalhar, pouco importa a falta de vagas hospitalares para os indivíduos de baixa renda ou serem os países com o maior registro de mortes em números absolutos. Daí o empenho em defender o princípio liberal de ir e vir, embora não tenham hesitado em fechar as fronteiras, curiosamente, para impedir a entrada de pessoas infectadas pelo novo co-

ronavírus, especialmente pobres e refugiados. Nesses termos, a *gripezinha* passa à categoria de segurança nacional.

A despeito de esses mandatários terem insinuado *superioridade* imunológica, no dia 7 de julho de 2020, o capitão reformado anunciou estar contaminado pelo vírus e o supremacista branco foi internado em 2 de outubro depois de ter testado positivo para a COVID-19. Bolsonaro, na época, disse que, poucas horas após a administração do fármaco hidroxicloroquina, já se sentia bem. Vale lembrar que Trump figura entre os acionistas da empresa Sanofi, uma das maiores no ramo farmacêutico, a qual detém a patente dessa droga. Um medicamento, segundo a OMS e pesquisadores, sem evidências científicas que comprovem bons resultados contra a doença. Talvez por esse motivo o presidente dos EUA não incluiu a hidroxicloroquina em seu tratamento. Tal ocorrência evidencia, não apenas o selo de acordos lavrados entre os dois Estados, como a confirmação de que o Estado brasileiro acata as coordenadas políticas oriundas dos EUA. Isto não é novo, basta revisitar a subordinação irrestrita dos países latino-americanos aos EUA no período das ditaduras civil-militar nas décadas de 1960 a 1980, quando a América do Sul foi o laboratório para realizar a implementação da racionalidade neoliberal. Aliás, hoje, no Cone Sul, predomina a ala da direita, seguidora de preceitos análogos aos do capitão reformado e do supremacista branco. Será essa região novamente eleita para serem processados os experimentos? Já estão sendo aprimoradas as estratégias para, quando a *crise* amainar, transformar as reformas em alterações permanentes? O vírus é invisível, não o inimigo.

## HEDRA EDIÇÕES

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann

60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia (vol. 2)*, Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II)*, Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski

122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft

## METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

## «SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

## «SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

## COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva

4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Racismo, machismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani e Emilio Gentile

## COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

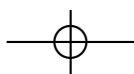
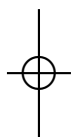
1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

## «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

## COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas, em 7 de maio de 2021, em tipografia Libertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua $\text{\LaTeX}$ , git & ruby.  
(v. 55307dc)

